



Elegia à juventude: das ciências sociais como consciência crítica

por Jorge Nóvoa

A relação entre Prova e Convicção está dando o que falar. Será que caminhamos para um embrutecimento no Brasil? Fala-se denunciando a volta de uma disciplina que surgiu no Estado Novo de Getúlio Vargas, denominada Educação Moral e Cívica, mas algumas pessoas querem fazer crer que se trata de boatos.

Factoide ou não, tudo isso parece na lógica das coisas. Quando se chega numa reunião internacional que precede a imediata da ONU e se afirma que o Brasil recebeu 95 mil refugiados – quando se sabe da diferença entre refugiados e fugitivos de catástrofes (no caso específico, supostos 85 mil haitianos que vieram ao Brasil depois do terremoto), a seriedade e o bom senso parece ser o que deve contar menos. As estatísticas oficiais davam conta de 8 mil haitianos.

A supressão da História, da Sociologia, da Geografia e da Filosofia do secundário pode significar também uma limitação à capacidade de análise e apreensão dos processos sociais e históricos. Tenho defendido que a crise é profunda e, evidentemente, não se trata de uma convicção infundada. Para se tornar tese é preciso procurar demonstrar as hipóteses que sustentamos que ao fim e ao cabo poderão ser negadas totalmente, parcialmente ou afirmadas.

Com certeza não reside aí - na existência de tais disciplina no ensino secundário, a causa e o que explica o rombo das contas públicas. Os professores - como uma categoria da classe dos assalariados, têm sofrido perdas sucessivas e significativas. Sua capacidade de combatividade é limitada. A mesma coisa se pode dizer dos estudantes que constituem uma fração da categoria social à qual corresponde a juventude. Esta também tem assumido a dianteira em questionar o estado de coisas produzido pela crise geral do neoliberalismo no mundo. Não creio que se possa dizer que, ao refluírem em suas lutas reivindicatórias tenham se tornado "apáticas", a menos que doemos a esta palavra um senso relativo. Este também não foi o caso, por exemplo, do movimento Nuits Début na França que refluíu depois de longos meses de manifestações contra as leis trabalhistas. Eles assumiram a dianteira da contestação à Reforma da Leis Trabalhistas naquele país durante vários meses. A classe trabalhadora francesa, com sua tradicional e histórica classe operária, como em Maio de 1968, veio a reboque. Sem dúvida, o futuro dos jovens ainda é mais incerto que o da classe operária.

É preciso se interrogar sobre o porquê de tal fenômeno, assim como pelo fato de seu "acomodamento" que parece querer dizer contra a história, a sociologia e as ciências sociais – inclusive aquelas de Michelet, de Saint-Simon e de Marx, da



primeira metade do século XIX que defendiam que “a luta de classes era o motor da história”. O motor da história tem sido a acumulação do capital, o fetichismo do lucro, a especulação à morte, a concorrência à morte, a dominação de uma minoria que se especializou em controlar os grandes meios de produção, assim como as diversas instâncias do aparelho do Estado. Se trata de **um movimento mundial de constituição de uma oligarquia de poderosos** que, embora não seja monolítica, parece ter claro que se quiser deter o controle dos processos históricos **precisa dispor do controle das subjetividades**. É por isso que defendemos a hipótese de que **as subjetividades individuais e coletivas dos cidadãos e dos corpos sociais constituem a última fronteira do capital e das categorias sociais que se especializaram na gerência dos negócios e da dominação política**.

Diante desse quadro, **a juventude** – embora tenha sido um setor que se tem mobilizado periodicamente e com muita intensidade no Brasil e no mundo (vejam o caso da Espanha, do Chile, p. ex.) **é também um setor vulnerável pela ausência de estruturas que organizem de modo duradouro suas angústias, reivindicações e seus modos existências que são muito mais mutáveis, mutantes em permanência. Ela é muito mais vulnerável, por conseguinte, pelo fato de ser uma categoria de transição**. Ao lado dessa característica social que a marca em todos os tempos, pelo menos ao longo da história do capitalismo, os próprios jovens – quero dizer, **parte deles, assume que se percebem** (de modo identitário) **como fluídos**. Ao usarem esta caracterização se referem em grande medida às opções sexuais. Enfim, ninguém é jovem - em todas as dimensões que se queira examinar, de modo permanente. Ser jovem, estudante ou não, é ser um indivíduo, um cidadão, em busca de uma inserção profissional, ainda que não duradoura. Nesse processo, **o lócus de sua mobilização desaparece no espaço de no máximo cinco anos**, embora se renove socialmente por sucessivas gerações. Todavia, os espaços profissionais que lhes dariam estabilidade política, na situação de crise - e de fragmentação das diversas classes e categorias sociais, tornam as diversas “camadas sucessivas” da juventude (estudantil ou não), pelo menos para aqueles que conseguirem passar no funil da seleção social, no habitat de uma “acomodação natural”, política e social. Agir nesse “novo quadro” do profissionalizado é ter o que “perder” social e economicamente. Mas não é isto que explica a atual “apatia” (ou acomodação) da classe operária no mundo, pelo menos em parte? No quadro da conjuntura política brasileira é mais que isso. Existe uma confusão muito grande sobre o que se pode e o que se deve fazer, vez que as referências pré-existentes na defesa da democracia se veem misturadas aos escândalos de corrupção, reais ou não. Em quem confiar se “antigos e novos



partidos terminaram utilizando os mesmos métodos?” Com qual dos aforismas ficar: “ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão” ou “os inimigos de meus inimigos são meus amigos”?

A classe operária e o conjunto dos trabalhadores assalariados (inclusive aqueles que têm a ilusão de constituírem objetivamente parte da classe média – engenheiros, médicos, advogados, mas que na sua grande maioria está se tornando profissionais terceirizados assalariados), se acham submetidos à concorrência mortífera na luta por um lugar ao sol, mas **numa situação em que o capital necessita cada vez menos de grandes contingentes de trabalhadores e profissionais**. As tecnologias agem de modo a acirrar ainda mais esta realidade. A panaceia que pretende que o denominado “trabalho imaterial”, que a “tecnologia cognitiva” emancipa o trabalho nas condições de dominação do capital financeiro é uma grande ilusão. Mas a verdade é que tudo isso não faz mais que aprofundar a confusão política do conjunto ou da maioria dos trabalhadores que não aceitam os dois aforismas, mas que não têm nenhum outro para colocar em seus lugares!

Além disso, existem processos subjetivos nos quais tais setores são “capturados” – nas suas sucessivas gerações – pela ideologia dominante das conjunturas e das longas durações em curso. A ideia de conjunto, de categoria e de classe **é subjugada pela dominação do individualismo servil** que fratura a unidade categorial, **mas que produz subprodutos políticos à “esquerda” e à “direita”, como a ações de voluntaristas e de vanguardas semelhantes àquelas que terminam recrutando parte da juventude da terceira e quarta gerações filhas da imigração** pós II Guerra Mundial na Europa, encurralando-as no beco sem saída de uma tragédia histórica. O Estado Islâmico se constituiu como subproduto da indústria de armamentos, da guerra no Oriente Médio, no Iraque, Irã, no Afeganistão e no Paquistão e **os jovens abraçam sua ideologia como se fosse participar de um movimento de libertação**. O primarismo bárbaro junto com o rancor preparado socialmente termina ocupando o espaço na consciência desses da verdadeira reflexão política. O Estado fascista se apropriou do Islã (que é por natureza pacifista) transformando-o numa ideologia que confunde as Nações Ocidentais como a encarnação de Satã e como se sua população fosse responsável dos males da humanidade. Parte da sociologia e da ciência política passou a denominar tal fenômeno como fruto de um **choque de civilizações**. O fato de os jovens filhos da “terceira geração” não se sentirem integrados faz com que estes “imigrantes” nascidos na França, Bélgica, Inglaterra, Itália, Espanha e Alemanha, junto com a ausência de verdadeiras perspectivas sócio - econômicas (mais da metade da juventude europeia jamais terá um emprego regular em vida) terminem



sendo “presas” fáceis de ideologias neofascistas que comandam o terrorismo como subproduto das ideologias neoliberais e de seus Estados. Estes Estados não têm feito nada para, de fato, preencher o vazio existencial de parcelas da juventude oriunda da imigração promovida por eles após a II Grande Guerra. Quem quiser entender algo sobre isso assista ao filme francês **La haine** (O Ódio) <https://www.youtube.com/watch?v=-HJrtVbsKOE>

Estamos vivendo um período de crise profunda da modernidade neoliberal no qual **o controle das consciências sociais e individuais são a última fronteira**. Tudo isso tem ocorrido com uma grande atividade de “manipulação dos processos reais” não apenas no que concerne a seus cursos objetivos, mas também naquilo que concerne à consciência que detemos desses processos. Lutar pelo progresso social, pela democracia real, pelas conquistas sociais exige o entendimento dessa realidade de “manipulação” que torna o jovem uma categoria social profundamente vulnerável a esta, dentre outras coisas, pelo fato de ser ele naturalmente (e legitimamente), sedenta de futuro. Daí a necessidade de se conhecer a história, a economia, a filosofia e as ciências sociais e humanas e, por conseguinte, todo o processo de tornar tais disciplinas supérfluas, desnecessárias, inúteis que são o corolário da quantificação “científica”.

Porém, é preciso saber que **cada geração age na história com um grau relativo de consciência social que varia em função da classe e da categoria de cada indivíduo que a integra**. Esta é outra característica da categoria JUVENTUDE e juventude estudantil: os indivíduos que a integram são oriundos de classes e camadas sociais distintas. **Tais variações geram na juventude muito mais confusão que “apatia” ou acomodação**. O grau da confusão depende do período histórico e da conjuntura em que se encontra. Não existe geração que possa ser “glorificada” em bloco. Ao cientista social cabe buscar – como se fosse possível, não rir e nem chorar, ajudar a tornar claros os processos sociais “inconscientes” em curso. Do mesmo jeito que não cabe nenhuma glorificação em bloco, mostrar os limites da ação individual e das categorias, não pode ser tomado como “menosprezo”, nem o equivalente de inibição às iniciativas juvenis. Nos processos sociais e históricos objetivos não cabe apelos “paternalistas” diante de dificuldades reais, pois tais processos não fazem concessões a nenhuma das idades da vida.

Assinalar as características de cada geração não pode ser o equivalente de rejeição às novas formas de comportamento, independentemente do setor específico a que se queira fazer referência. A análise crítica da profunda e total crise da modernidade neoliberal é condição sine qua non de sua superação, pois sem consciência histórica e social criticada metodologicamente, não somente não



existirá ciência social verdadeira, como ação superadora possível dos dramas aos quais todos nós, jovens, maduros e idosos, estamos submetidos. Aliás é esta que une todas as gerações, melhor dito, as partes delas que permanecerem aderentes ao progresso social e humano e interessada no futuro da humanidade e não apenas dos jovens de todos os tempos.